

Aula 61 – Alfabetização e Letramento: Conceitos e Distinções

Objetivos de Aprendizagem

Ao final desta aula, você será capaz de:

1. **Diferenciar com precisão** os conceitos de alfabetização e letramento, compreendendo suas especificidades técnicas e suas interdependências pedagógicas.
2. **Analisar a evolução histórica** dos métodos de alfabetização no Brasil para contextualizar as práticas vigentes e as disputas metodológicas atuais.
3. **Implementar estratégias de gestão** que alinhem a perspectiva da BNCC (alfabetizar letrando) com as diretrizes da Política Nacional de Alfabetização (PNA).
4. **Orientar práticas pedagógicas** inclusivas e baseadas em evidências neurocientíficas que contemplem a diversidade cognitiva e cultural da sala de aula.

Relevância Prática

Para o Coordenador Pedagógico, dominar a distinção entre alfabetização e letramento não é um exercício meramente acadêmico; é uma competência essencial para o diagnóstico da qualidade do ensino. Muitas escolas falham porque focam excessivamente no código (decodificação) esquecendo o uso social, ou vice-versa, gerando alunos "copistas" que não leem, ou alunos que interpretam contextos mas não dominam a ortografia.

Mapa da Aula

01

Evolução Histórica

Dos Métodos Sintéticos aos Analíticos

03

Definição de Letramento

O Uso Social da Língua

05

A Perspectiva da BNCC

Centralidade do Texto

07

Neurociência

O Cérebro Leitor e a Reciclagem Neuronal

09

Inclusão e DUA

Educação Antirracista na Alfabetização

02

Definição de Alfabetização

A Tecnologia da Escrita

04

A Indissociabilidade

O Conceito de "Alfabetizar Letrando"

06

Política Nacional de Alfabetização

PNA e a Ciência da Leitura

08

Letramento Digital

Multimodalidade em 2025

10

O Papel do Coordenador

Formação Continuada

Contextualização Histórica: A Batalha dos Métodos no Brasil

A história da alfabetização no Brasil é marcada por uma disputa pendular entre diferentes abordagens metodológicas, que o coordenador pedagógico precisa conhecer para não cair em modismos sem fundamento. Durante décadas, predominou a discussão entre métodos sintéticos e analíticos. Os métodos sintéticos partem das unidades menores da língua (letras, fonemas, sílabas) para as maiores (palavras, frases, textos). Dentro dessa categoria, temos o método alfabético (soletração), o fônico (som das letras) e o silábico (famílias silábicas como "ba-be-bi-bo-bu"). A premissa era que, ao dominar as partes, a criança automaticamente compreenderia o todo.

Métodos Sintéticos

Das partes para o todo

- Método alfabético (soletração)
- Método fônico (sons das letras)
- Método silábico (famílias silábicas)

Premissa: dominar as partes leva à compreensão do todo

Métodos Analíticos

Do todo para as partes

- Método de palavração
- Método de sentencição
- Foco no significado primeiro

Premissa: o sentido deve vir antes da decodificação

Por outro lado, em contraposição a essa mecanicidade, surgiram os métodos analíticos, que propunham o caminho inverso: do todo para as partes. O método de "palavração" ou o de "sentencição" defendiam que a criança deveria primeiro ter contato com unidades de significado (uma palavra ou uma frase completa) para depois decompor essas unidades em sílabas e letras. Acreditava-se que o sentido deveria vir antes da decodificação. Essa disputa, conhecida como a "querela dos métodos", dominou o cenário educacional brasileiro até o final da década de 1970, focando excessivamente em *como o professor ensina*, e muito pouco em *como a criança aprende*.

A Virada Construtivista

Essa perspectiva começou a mudar radicalmente nos anos 1980 e 1990, com a chegada do Construtivismo e dos estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita (que aprofundaremos na próxima aula). O foco deslocou-se do método para o sujeito. No entanto, essa mudança gerou, em muitos contextos, uma desvalorização do ensino explícito do código, criando uma geração de alunos que eram incentivados a escrever espontaneamente, mas que careciam de sistematização ortográfica.

Hoje, em 2025, vivemos um momento de síntese, onde buscamos equilibrar a sistematização necessária com a imersão nas práticas sociais de leitura.

Alfabetização: A Apropriação do Código e da Tecnologia da Escrita



Domínio do Código

Correspondência entre grafemas (letras) e fonemas (sons)



Direção da Escrita

Compreensão da orientação espacial da leitura



Segmentação

Capacidade de separar palavras e frases



Codificar e Decodificar

Transformar sons em letras e vice-versa

Para gerir processos educativos com clareza, é fundamental definir tecnicamente o que é alfabetização. A alfabetização refere-se especificamente ao processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Trata-se da aquisição de uma tecnologia: o domínio da correspondência entre grafemas (letras) e fonemas (sons), a compreensão da direção da escrita, a segmentação de palavras e a capacidade de codificar e decodificar signos linguísticos. Um indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, ou seja, que domina o código alfabético e ortográfico de sua língua.

É crucial entender que a alfabetização envolve habilidades cognitivas específicas e, muitas vezes, abstratas. A criança precisa desenvolver a **consciência fonológica** — a percepção de que a fala é segmentável em sons distintos — para conseguir mapear esses sons em letras.

Sem esse ensino explícito e sistemático das relações som-letra, a aprendizagem torna-se muito mais difícil para a maioria das crianças. A alfabetização é, portanto, a porta de entrada técnica: ela fornece as ferramentas (o "hardware") para que a leitura aconteça.

Atenção: Analfabetismo Funcional

No entanto, limitar o ensino apenas à alfabetização *stricto sensu* gera o fenômeno do "analfabetismo funcional". O aluno pode ser capaz de decodificar a frase "O rato roeu a roupa do rei de Roma", lendo-a em voz alta perfeitamente, mas ser incapaz de responder a perguntas simples sobre o contexto, a intenção do autor ou a inferência de significados. A alfabetização dá a capacidade de ler as palavras, mas não garante, por si só, a competência de navegar com autonomia na cultura escrita. É aqui que entra a necessidade de um segundo conceito estruturante.

Letramento: A Imersão nas Práticas Sociais de Leitura e Escrita

O conceito de letramento surgiu no Brasil em meados da década de 1980 (trazido fortemente por autoras como Magda Soares) para nomear fenômenos que a palavra "alfabetização" já não dava conta de explicar. Letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas que utiliza a leitura e a escrita em práticas sociais reais e diversificadas. Ser letrado significa ser capaz de ler um contrato de aluguel e entender suas cláusulas, interpretar um gráfico em uma notícia de jornal, escrever um e-mail formal solicitando emprego ou participar de um debate em redes sociais com argumentos estruturados.

Processo Contínuo

Diferente da alfabetização, que é um processo finito (aprende-se o código e ponto), o letramento é um processo contínuo e infinito. Ninguém é "plenamente letrado", pois sempre surgem novos gêneros textuais e novas demandas sociais.

Múltiplos Letramentos

Um doutor em literatura pode ser altamente letrado em textos acadêmicos, mas ter baixo letramento digital ou financeiro. Para o coordenador pedagógico, isso implica que o trabalho com letramento deve permear toda a Educação Básica, e não apenas os anos iniciais.

Sentido e Propósito

O letramento contextualiza a alfabetização, dando **sentido** e **propósito** ao esforço de aprender a ler.

Transformação na Sala de Aula

A introdução do conceito de letramento mudou a organização da sala de aula. Antes focada apenas em cartilhas com textos artificiais ("Eva viu a uva"), a escola passou a ser cobrada a trazer textos reais: receitas, bulas, notícias, quadrinhos, poesias e propagandas. O objetivo é que a criança entenda que a escrita serve para informar, divertir, emocionar, reivindicar e lembrar. O letramento combate a artificialidade da escola, conectando o aprendizado da sala de aula com a vida cotidiana do estudante e com as demandas da cidadania.

A Dialética do "Alfabetizar Letrando"

Alfabetizar Letrando

A grande virada conceitual, e o maior desafio para a coordenação pedagógica, é garantir que alfabetização e letramento ocorram de forma **simultânea e indissociável**.

Não se deve esperar a criança estar totalmente alfabetizada (dominando o código) para só então iniciar o trabalho com textos reais (letramento). Da mesma forma, não se pode mergulhar a criança apenas em textos complexos sem fornecer as chaves do código alfabético. A expressão "alfabetizar letrando" sintetiza essa práxis: ensinar a técnica da leitura e da escrita *dentro* de um contexto de uso social significativo.

Exemplo Prático

Na prática, isso significa que o professor deve planejar atividades que articulem as duas dimensões. Por exemplo, ao trabalhar com uma receita de bolo (gênero textual/letramento), o professor discute a função do texto, seus destinatários e sua estrutura (ingredientes/modo de preparo). Simultaneamente, ele retira desse texto palavras-chave (como "farinha" ou "ovos") para analisar a estrutura fonológica, as sílabas, as letras iniciais e finais (alfabetização). O texto real é o ponto de partida e de chegada, mas há momentos explícitos de análise do sistema de escrita.

Erros Comuns a Evitar



Desarticulação

Escolas que, sob o pretexto de "letrar", abandonaram a sistematização, resultando em alunos que copiam textos longos sem saber o que está escrito.



Mecanização

Outras, focadas na "alfabetização eficaz", retornaram a métodos mecânicos descontextualizados, ignorando a inteligência e o repertório cultural da criança.



Equilíbrio

O equilíbrio exige um planejamento didático onde a criança reflita sobre o sistema de escrita enquanto interage com a cultura escrita.

A Perspectiva da BNCC: Centralidade do Texto e Campos de Atuação

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) consolida a visão de que o texto deve ser a unidade central de trabalho. O documento organiza o ensino de Língua Portuguesa não mais por conteúdos gramaticais isolados, mas por **Práticas de Linguagem** (Leitura/Escuta, Escrita, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica) e **Campos de Atuação**. Essa organização visa garantir que o aluno transite por diferentes esferas da vida social: campo da vida cotidiana, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, e campo da vida pública.

NOTA IMPORTANTE

As diretrizes curriculares apresentadas nesta seção baseiam-se na BNCC homologada em 2017/2018. Consulte sempre as atualizações normativas do Conselho Nacional de Educação (CNE) e dos sistemas de ensino estaduais/municipais para verificar possíveis adaptações locais vigentes em [ANO ATUAL].

Mudança no Planejamento

Para o coordenador, a BNCC exige uma mudança no olhar sobre o planejamento do professor. A pergunta deixa de ser "qual família silábica vou ensinar hoje?" para ser "qual campo de atuação e qual gênero textual permitirão trabalhar as habilidades de leitura e escrita previstas?". A Análise Linguística e Semiótica (que inclui a alfabetização e a gramática) está a serviço da compreensão e produção de textos. A BNCC também introduz a multimodalidade como elemento essencial, reconhecendo que os textos contemporâneos misturam linguagem verbal, visual e sonora, exigindo novas competências de leitura.

Foco nos 2 Primeiros Anos

A BNCC estabelece que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Isso gera uma pressão por resultados e monitoramento constante.

Habilidades como Checklist

O coordenador deve utilizar as habilidades descritas na Base como checklist para o acompanhamento da aprendizagem. Se a habilidade diz "EF01LP08 - Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, partes de palavras) com sua representação escrita", o coordenador deve observar se as atividades propostas em sala realmente mobilizam essa relação ou se são apenas cópias passivas.

Política Nacional de Alfabetização (PNA) e a Ciência da Leitura

Em 2019, o Brasil instituiu a Política Nacional de Alfabetização (PNA), através do Decreto nº 9.765. Esta política trouxe para o centro do debate a "Ciência da Leitura" (Science of Reading), um corpo de evidências da psicologia cognitiva e da neurociência sobre como o cérebro aprende a ler. A PNA enfatiza que a alfabetização deve ser baseada em seis componentes essenciais: consciência fonêmica, instrução fônica sistemática, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos e produção de escrita.

📌 NOTA IMPORTANTE

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) foi instituída pelo Decreto nº 9.765/2019. Em contextos de mudança de governo, políticas públicas podem sofrer revogações ou alterações de ênfase. Verifique o status atual da implementação da PNA e sua articulação com o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada no ano de [ANO ATUAL].

Os 6 Componentes Essenciais da PNA



Consciência Fonêmica

Percepção e manipulação dos sons da fala



Instrução Fônica Sistemática

Ensino explícito das relações grafema-fonema



Fluência em Leitura Oral

Velocidade, precisão e prosódia na leitura



Desenvolvimento de Vocabulário

Ampliação do repertório lexical



Compreensão de Textos

Estratégias de interpretação e inferência



Produção de Escrita

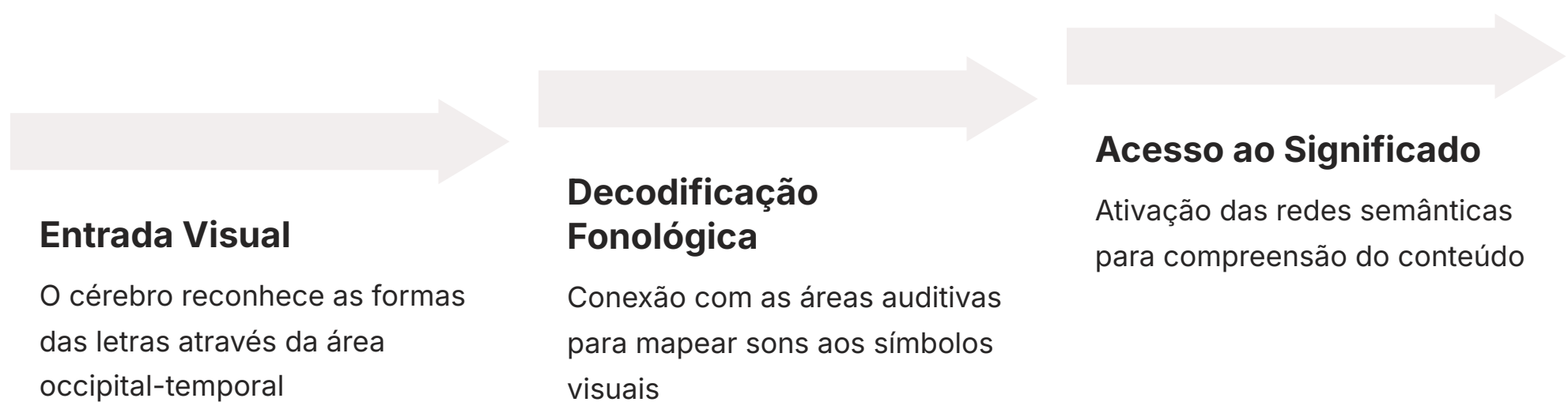
Expressão escrita com coerência e coesão

Para o coordenador pedagógico, o desafio é integrar as diretrizes da PNA com a tradição pedagógica da escola e com a BNCC. A PNA defende uma instrução fônica explícita, argumentando que a descoberta do princípio alfabético não é natural (como falar), mas cultural, exigindo ensino direto das correspondências grafema-fonema. Isso não significa a volta das cartilhas antigas ("ba-be-bi-bo-bu" sem sentido), mas sim o ensino sistematizado dos sons da fala e sua representação, garantindo que nenhuma criança fique para trás por falta de instrução clara sobre como o código funciona.

A tensão entre defensores do letramento "puro" e defensores da PNA "pura" deve ser mediada pela gestão pedagógica com foco no aluno. As evidências mostram que a consciência fonológica é, de fato, preditora de sucesso na alfabetização. Portanto, jogos de rimas, aliterações e manipulação de sons devem fazer parte da rotina diária. O coordenador deve orientar os professores a utilizarem essas estratégias científicas para fortalecer a alfabetização, sem abandonar a riqueza dos textos e do letramento proposta pela BNCC. A integração inteligente é o caminho mais eficaz.

Neurociência Aplicada: A Reciclagem Neuronal na Alfabetização

A neurociência trouxe contribuições inestimáveis para a compreensão da alfabetização, desmistificando a ideia de que cada criança aprende de um jeito totalmente único. Embora os ritmos e contextos variem, a arquitetura cerebral humana é universal. Stanislas Dehaene, neurocientista francês, cunhou o termo "reciclagem neuronal" para explicar como aprendemos a ler. Como a escrita é uma invenção recente (cerca de 5 mil anos), nosso cérebro não evoluiu geneticamente para ela. Para ler, precisamos "reciclar" uma área do cérebro originalmente destinada ao reconhecimento de faces e objetos, transformando-a na "Caixa de Letras do Cérebro" (área da forma visual da palavra).



Esse processo exige que o cérebro aprenda a conectar a visão (forma das letras) com a audição (sons da fala) e com o significado. Isso reforça a importância da instrução fônica: o cérebro precisa entender que aqueles rabiscos visuais representam sons específicos. Métodos que focam apenas na "leitura global" (memorizar a palavra como uma imagem) ativam áreas diferentes e menos eficientes do cérebro, dificultando a leitura de palavras novas. Para o coordenador, isso é argumento técnico para orientar práticas: o ensino das relações letra-som altera fisicamente a estrutura cerebral da criança, criando rodovias neurais de alta velocidade para a leitura.

Implicações para a Sala de Aula

Atenção e Ambiente

O cérebro só aprende aquilo em que presta atenção. Salas de aula excessivamente decoradas e ruidosas podem sobrecarregar o sistema atencional, prejudicando a alfabetização.

Emoção e Segurança

O estresse tóxico (medo, ansiedade) bloqueia o aprendizado. Portanto, criar um ambiente seguro, onde o erro é visto como parte do processo (e não punido), é uma diretriz neurocientífica.

O coordenador deve ajudar o professor a planejar aulas que engajem o sistema de recompensa do cérebro, celebrando pequenas vitórias na decodificação.

Letramento Digital e Multimodalidade: Desafios de 2025

Em 2025, não é possível falar de alfabetização sem considerar o ambiente digital. As crianças já chegam à escola imersas em telas, ícones e hipertextos. O letramento digital não é apenas saber usar um tablet, mas saber ler e escrever em ambientes não lineares. A leitura em tela exige competências diferentes da leitura em papel: envolve navegação, seleção rápida de informações, verificação de fontes e compreensão de elementos multimídia (vídeo, áudio e texto integrados). O coordenador deve incentivar a integração dessas linguagens no planejamento.



Navegação Não Linear

Capacidade de transitar entre hiperlinks e múltiplas janelas mantendo o foco



Verificação de Fontes

Habilidade crítica de avaliar credibilidade e confiabilidade da informação



Leitura Multimodal

Integração de linguagem verbal, visual e sonora na construção de sentido

A Multimodalidade Desafia o Conceito Tradicional de Texto

A multimodalidade desafia o conceito tradicional de texto. Um meme, por exemplo, é um texto complexo que exige leitura da imagem, leitura da frase curta e, principalmente, um vasto repertório cultural para entender a ironia ou a referência. Ignorar esses gêneros na escola é alijar o aluno das práticas sociais mais comuns de sua época. A escola deve ser o espaço onde o aluno aprende a não apenas consumir, mas a produzir conteúdo digital com ética e responsabilidade.

Tecnologia como Aliada

O hibridismo no ensino da alfabetização pode ser um grande aliado. Plataformas adaptativas e jogos digitais de consciência fonológica (gamificação) oferecem feedback imediato à criança, algo que o professor não consegue dar individualmente para 25 alunos ao mesmo tempo. O coordenador deve ver a tecnologia não como inimiga da escrita à mão (que continua sendo essencial para o desenvolvimento motor e cognitivo), mas como uma ferramenta complementar que personaliza o aprendizado e engaja a geração nativa digital.

Inclusão e Diversidade: Educação Antirracista e DUA

A alfabetização e o letramento são ferramentas de poder. Historicamente, os materiais didáticos brasileiros priorizaram personagens brancos, famílias nucleares tradicionais e contextos urbanos de classe média, alienando grande parte da população escolar. Uma gestão pedagógica atualizada e alinhada às leis 10.639/03 e 11.645/08 deve garantir que a alfabetização seja antirracista. Isso significa escolher livros de literatura infantil com protagonistas negros e indígenas, utilizar palavras e textos que valorizem a ancestralidade africana e originária, e não estereotipar culturas. A representatividade no momento da alfabetização constrói a identidade da criança.

Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)

A perspectiva do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) é fundamental para a inclusão de alunos com deficiência ou neurodivergentes. O DUA propõe que o planejamento não deve ser feito para o "aluno médio" (que não existe), mas deve prever múltiplas formas de apresentação do conteúdo, múltiplas formas de engajamento e múltiplas formas de expressão. Na alfabetização, isso significa oferecer materiais táteis (letras de lixa), visuais (cores contrastantes), auditivos (audiolivros) e cinestésicos (corpo em movimento).



O coordenador tem o papel de auditor da inclusão. Ele deve questionar: "Este método de alfabetização está acessível para o aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista)? Como estamos adaptando para o aluno com baixa visão?". A alfabetização inclusiva não é sobre simplificar o conteúdo, mas sobre remover as barreiras ao acesso. Utilizar tecnologia assistiva e metodologias multissensoriais beneficia não apenas os alunos com deficiência, mas toda a turma, pois diversifica as portas de entrada do conhecimento.

Aspectos Socioemocionais na Aprendizagem da Leitura

Aprender a ler é um processo que envolve alta carga emocional e exposição pública. A criança que não consegue acompanhar a turma sente vergonha, frustração e pode desenvolver baixa autoestima acadêmica, rotulando-se como "burra" precocemente. A gestão pedagógica deve estar atenta ao clima emocional da sala de alfabetização. O erro deve ser tratado como uma hipótese de construção (como veremos com Emilia Ferreiro), e não como uma falha de caráter ou inteligência. O feedback do professor deve ser encorajador e específico, apontando o caminho para o acerto.

Resiliência

Capacidade de persistir diante das dificuldades da decodificação

Empatia

Compreensão de que cada colega tem seu próprio ritmo de aprendizagem

Autoconfiança

Crença na própria capacidade de aprender a ler e escrever

As competências socioemocionais da BNCC, como resiliência, empatia e autoconfiança, devem ser trabalhadas integradas ao currículo de alfabetização. Atividades onde as crianças leem umas para as outras em duplas (leitura colaborativa) podem fomentar a cooperação em vez da competição. O coordenador deve orientar os professores a criarem um ambiente seguro psicologicamente, onde a criança se sinta à vontade para arriscar a leitura sem medo do ridículo.

Cuidado com a Saúde Mental Docente

Além disso, é preciso cuidar da saúde mental docente. Alfabetizar é uma tarefa exaustiva, que exige paciência infinita e energia física constante. Professores alfabetizadores sofrem altos índices de burnout. O coordenador deve ser uma rede de apoio, oferecendo escuta ativa, valorizando as conquistas da turma e evitando cobranças burocráticas excessivas que roubam o tempo de planejamento e interação com as crianças. Um professor emocionalmente equilibrado é o recurso mais valioso para uma alfabetização de sucesso.

Gestão Baseada em Dados: Monitoramento da Fluência

A gestão moderna da alfabetização não pode se basear em "achismos". É necessário utilizar dados concretos para monitorar o progresso dos alunos e intervir a tempo. Avaliações de fluência leitora são tendências fortes em 2025. Elas medem não apenas se a criança lê, mas com que velocidade, precisão e prosódia (entonação) ela o faz. Uma leitura lenta e silabada consome tanta energia cognitiva na decodificação que não sobra espaço mental para a compreensão do texto.

Dimensões da Fluência Leitora



Velocidade

Número de palavras lidas por minuto



Precisão

Percentual de palavras lidas corretamente



Prosódia

Entonação, ritmo e expressividade na leitura

O coordenador deve implementar rotinas de sondagem e diagnóstico. Não se trata de aplicar provas formais e estressantes para crianças de 6 anos, mas de criar protocolos de observação sistemática. Planilhas de acompanhamento que mostrem quais letras cada aluno já domina, qual o nível de hipótese de escrita e como está a fluência permitem agrupamentos produtivos. Alunos com dificuldades semelhantes podem ser reunidos para intervenções focadas.

Transformando Dados em Ação

Análise de Avaliações Externas

Os dados das avaliações externas (como o Saeb ou avaliações estaduais de alfabetização) devem ser analisados pedagogicamente.

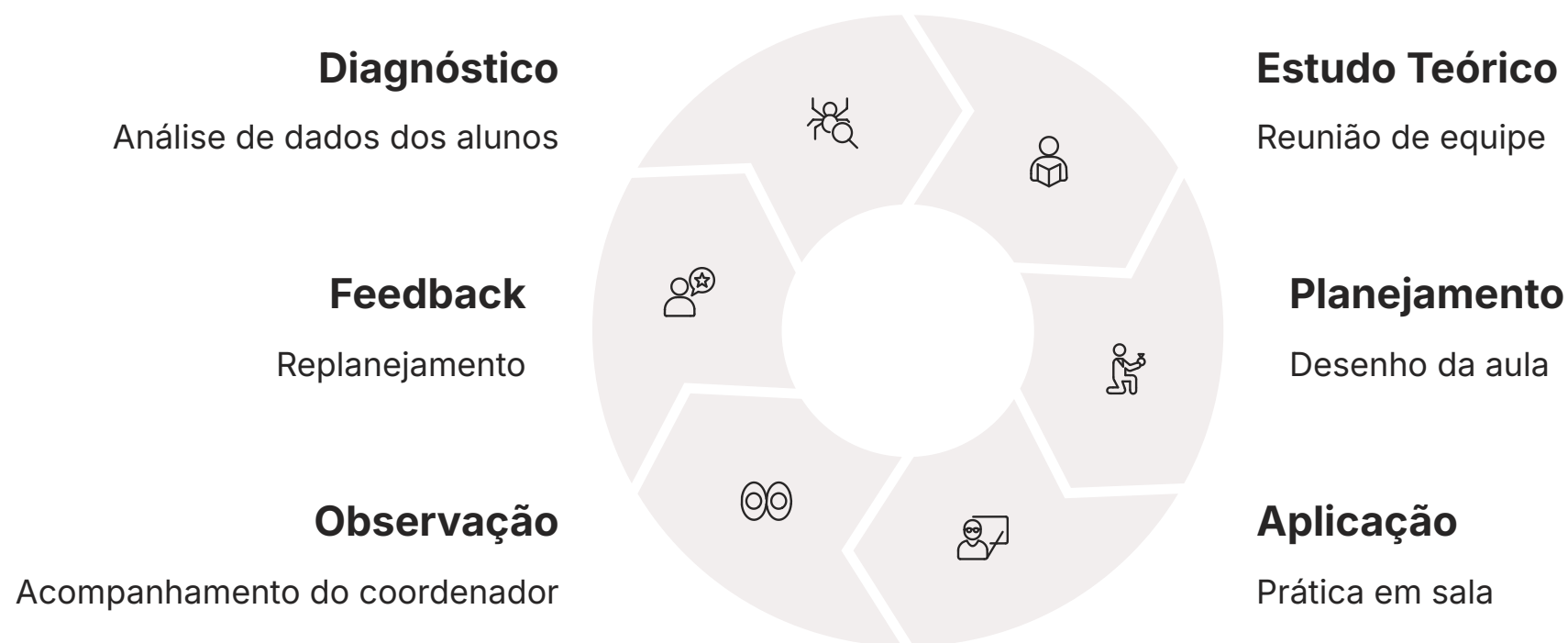
Plano de Ação

Se a escola está com baixo desempenho em "inferir informação implícita", o coordenador deve promover oficinas com os professores sobre como ensinar inferência.

A gestão baseada em dados transforma a lamentação ("essa turma é fraca") em plano de ação ("precisamos focar na habilidade X e Y"). O replanejamento deve ser constante e guiado pelas evidências de aprendizagem coletadas.

O Papel do Coordenador na Formação Continuada

O coordenador pedagógico é o principal formador de sua equipe. Na alfabetização, onde as concepções teóricas são complexas e muitas vezes conflitantes, esse papel é vital. O coordenador deve promover espaços de estudo dentro da escola (HTPC/Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) para discutir a prática. Não basta entregar o livro didático; é preciso refletir sobre como ele está sendo usado. A formação em serviço é mais eficaz quando parte dos problemas reais da sala de aula: "Como ajudar o aluno que está estagnado na fase silábica?", "Como trabalhar letramento matemático?".



Estratégias de Formação

A observação de sala de aula é uma ferramenta poderosa de formação, desde que feita com caráter parceiro e não fiscalizatório. O coordenador entra na sala para observar a aprendizagem e a dinâmica, e depois oferece um feedback construtivo ao professor. Modelar práticas também é eficaz: o coordenador pode assumir a turma por um momento para demonstrar uma estratégia de leitura em voz alta ou uma intervenção fônica, mostrando na prática como se faz.

O Coordenador como Curador de Inovações

Por fim, o coordenador deve ser o curador de inovações. Estar atualizado sobre as novas pesquisas em neurociência, sobre as atualizações da PNA e sobre novos recursos digitais permite que ele leve frescor e qualificação para a equipe. O coordenador é o elo entre a teoria acadêmica e o chão da escola, traduzindo conceitos complexos de alfabetização e letramento em práticas didáticas tangíveis que transformam a vida dos estudantes.

Consolidação e Encerramento

Resumo Visual dos Conceitos-Chave

Alfabetização

Domínio do código (técnica de ler e escrever)

Letramento

Uso social da escrita (função e contexto)

Alfabetizar Letrando

A práxis ideal que une a técnica ao sentido

BNCC

Foco na centralidade do texto e nos campos de atuação social

PNA & Neurociência

Importância da instrução explícita, consciência fonológica e evidências científicas

Perguntas para Reflexão e Autoavaliação

1. Como sua escola equilibra o ensino sistemático das relações fonema-grafema com a leitura de textos reais e diversos?
2. Você consegue identificar, nas práticas dos seus professores, quais atividades são focadas em alfabetização e quais são de letramento?
3. De que maneira os dados de fluência e sondagem de escrita estão sendo usados para reagrupar alunos e personalizar o ensino?
4. O acervo literário da escola reflete a diversidade racial e cultural do Brasil, promovendo um letramento inclusivo?

Conexão com a Próxima Aula

Agora que entendemos *o que* ensinar (conceitos e métodos), precisamos entender *como a mente da criança evolui*. Na **Aula 62 – Psicogênese da Língua Escrita (Emília Ferreiro)**, entraremos na "caixa preta" do pensamento infantil. Você descobrirá por que uma criança escreve "cavalo" usando apenas as letras "AO" e como intervir para que ela avance para o nível alfabético.

Recursos Adicionais Recomendados

- **Livro:** "Alfabetização e Letramento" – Magda Soares. (Obra fundamental para aprofundar a distinção conceitual).
- **Documento Oficial:** Caderno da PNA (MEC) – Disponível online para consulta dos seis componentes da alfabetização.
- **Vídeo:** Palestras de Stanislas Dehaene sobre "Os Neurônios da Leitura" (Disponíveis no YouTube/Fronteiras do Pensamento).
- **Site:** Plataforma "Alfalettrar" ou portais do CEALE/UFMG (Jogos e sequências didáticas).

"A leitura do mundo precede a leitura da palavra." – Paulo Freire.

Como coordenador, sua missão é garantir que a leitura da palavra instrumentalize o aluno para transformar a sua leitura de mundo. Mantenha o foco na técnica, mas o coração no propósito social da educação. Bom estudo!